

## Titulo Geral Música na pele: processos criativos para uma reflexão da aproximação da educação musical e a pessoa surda

*Hiago Andrade Ribeiro*

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

[ribeiro.hiago@gmail.com](mailto:ribeiro.hiago@gmail.com)

*Renato Brandão*

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

[renatobrandao76@hotmail.com](mailto:renatobrandao76@hotmail.com)

### Comunicação

**Resumo:** O presente estudo, composto por uma revisão bibliográfica, apreciação de conteúdos audiovisuais e observações de campo, pretende propor uma reflexão sobre as diferentes formas de se viver a música junto à diversidade de todos. Com isso temos a temática da educação musical e o universo da surdez associados, sendo discutidos como agentes transversais e possíveis de ocorrer conforme os princípios da inclusão para todos. Temos as conceituações clássicas da situação da surdez e os interesses de uma nova escola à frente das conquistas para uma integração plena. Veremos a música sendo oferecida como conteúdo curricular de modo gentil e não imposto, valorizando suas várias formas de ocorrer, sobretudo quando percebemos além dos ouvidos. Por fim, são apontados caminhos que colaboram para uma reflexão sobre as competências de professores de música a aplicar suas metodologias em adaptação à percepção do som por meio de outras vias comunicativas e sensoriais do que entendemos como condição humana.

**Palavras chave:** Processos criativos; Surdez; Educação Musical.

### Música e surdez: reflexões em um horizonte distante

O desenvolvimento humano, dentre tantas questões, esteve ligado a todo tipo de formas de construção de saberes. Nesse sentido, podemos aqui dispor de uma consideração sobre os questionamentos da proposta de inclusão de pessoas com deficiência no âmbito das sociedades, neste caso, pessoas com surdez. Para este estudo, foram contabilizadas horas de revisão bibliográfica, audiovisual e observações de campo. Sendo uma abordagem dedutiva, tal temática faz parte dos interesses comuns ao que se refere à educação musical prevista para todos e por todos.

Hoje, nossa sociedade se ocupa cada vez mais de discutir a questão de inclusão de pessoas com deficiência. Refletir sobre um tema que envolva universos considerados distantes, deve causar como enfrentamento, um debate que justifique o envolvimento de professores e alunos a pensar sobre a surdez dentro do contexto musical. Desse modo, esse texto objetiva dar condições para que o que se organiza como associação musical, passe a ver e ouvir outras formas de viver a música.

O Decreto 3.298 de 20/12/99 em seu Art. 4 define deficiência auditiva como: perda parcial ou total das possibilidades auditivas sonoras variando de graus e níveis. Cada surdo porem comporta-se de uma maneira diferente, gerando identidades próprias. Para entender melhor os aspectos culturais do surdo, Lacerda(2000) considera a importância de uma identidade cultural, que envolve rituais, linguagens, olhares, sinais, representações, símbolos, modelos convencionais, processos profundamente plurais e culturais.

De acordo com Sá(2008), o assunto música e surdez não é nenhuma novidade. Inúmeros filmes já tratam sobre essa temática há alguns anos. A autora cita o título “Filhos do silêncio<sup>1</sup>” como exemplo de tal abordagem de conteúdo. Dessa forma, se inicia um convite para a apreciação de tais obras da dramaturgia para que haja uma melhor compreensão do que tratamos nesse pequeno estudo.

A educação musical no Brasil, segundo Cáricol(2012), tem início durante as tentativas de condicionamento da mentalidade local, sobretudo indígena, no sentido de favorecer os interesses portugueses da época. No século XIX, a presença do conteúdo musical nos currículos nacionais de ensino passou a ser obrigatória. Nesse momento, acreditamos que nasce uma nova proposta de ensino das artes no contexto socioeducacional brasileiro.

O convívio com pessoas surdas é capaz de favorecer o encantamento diante das novas concepções comunicativas atribuídas pelo homem. Tudo nasce da necessidade. Por mais que a música seja ligada diretamente a capacidade de ouvir, Sá(2008) comenta que os sons estão para os ouvintes e as vibrações para os surdos. Uma frequente questão que norteia esse estudo

---

<sup>1</sup> Filme norte-americano, 1986, dirigido por Rana Haidenes, trata-se de um drama/romance, vivenciado por um professor dentro de uma escola com alunos surdos em processo de inclusão.

é como se dá a relação de surdos com a arte musical. Além disso, como surdos se comportam diante das propostas de conteúdo musical em seus currículos escolares, de um modo geral, em classes regulares.

Tenho assistido muitas manifestações de insatisfação por parte de surdos adultos que, ao analisarem a maneira como a inclusão da música é feita na Educação de Surdos, sentem-se agredidos pelo fato de que muitas abordagens dão a impressão de que se está forçando o surdo a participar de algo que desconsideram as marcas culturais surdas, dão a impressão de que se está forçando o surdo a participar de algo que não leva em conta suas características biológicas, que atenta contra sua identidade, que não considera a cultura surda e que é uma imposição dos ouvintes. (SÁ, 2008, p.03)

Cáricol(2012), aponta que os dizeres de H. Villa-Lobos aplicados na proposta do Canto Orfeônico na Escola Nova, demonstram que a iniciação de uma nova metodologia educacional da época, visava à modificação da mentalidade coletiva por meio do canto. Desse modo, há uma questão que nos inquieta, estariam os surdos de fora da proposta que acima citamos? A resposta para tal arguição, provavelmente ainda não teremos hoje. Todavia, o que já passamos em relação a tentativas de mudança de comportamento social, nos fez acreditar que com os erros e acertos do passado, podemos construir ideias novas que despertem para um mundo mais inclusivo.

Inserido em um contexto familiar, um filho que é surdo irá apresentar dificuldades em realizar algumas atividades que para ouvintes seriam complicadas e difíceis. Segundo Finck(2007), no caso do surdo sua maior dificuldade seria nas questões auditivas, linguísticas e orais, o que o tornaria diferente dos padrões da normalidade. Considerando ainda o que diz Goffmann(1998), “esta situação de não normalidade não se deve ao fato dele ser anormal como um atributo, mas, à linguagem de relações de poder estabelecidas entre o sujeito estigmatizado e o meio” (p.21).

Por longos anos foi-se impedido a participação de surdos nas atividades musicais pelo fato de não terem o auxílio do sentido da audição. “A música é vista como algo que os povos surdos não podem fazer, uma vez que se trata de um fenômeno que deva ser experimentado pela audição” (Cruz apud Finck, 2007). Este é um pensamento comum entre ouvintes e também

de algumas comunidades surdas, e essa opinião vem se perpetuando há bastante tempo, e não há uma reflexão para saber se é possível ou não essa inserção. Porém, Finck(2007) afirma que há exemplos de indivíduos surdos que superam esta barreira, alcançando sucesso satisfatório com a música.

Se considerarmos que a musicalidade é somente atributo de quem possua uma boa audição, criatividade e bastante talento, a música não pertenceria aos povos surdos, já que para ser musical precisa ser ouvinte, portanto experimentar música seria uma tarefa impossível e até surreal.

Segundo o relato de Haguiara – Cervelline(2003) onde os pais de uma menina surda aderiram a uma proposta de educação e habilitação usando o máximo de resíduos auditivos, forçando a filha a falar tão bem quanto um ouvinte. A filha surda se via obrigada a uma situação que lhe era desagradável, tornando a música algo difícil e doloroso, fugindo completamente do prazer de sensações que a música pode causar num indivíduo seja qual for as suas limitações.

[...] “os pais não viam a possibilidade da inclusão natural da música no universo da filha surda, a não ser como forma de treinamento. Nesse caso, encontraram sua resistência ante um trabalho difícil e penoso. A música não foi oferecida como deleite, mas como instrumento de aprimoramento para que pudesse encobrir a marca estigmatizante da surdez [...]. Portanto, essa história mostra uma jovem que, apesar de viver num mundo imerso em música, não se apropriou dela como um bem para si. Sua fala foi enfática: - Isso não é da minha vida (...). Não gosto!”(HAGUIARA-CERVELLINI, 2003, p.191)”.

Deste modo, a proposta de musicalização do indivíduo surdo deverá partir dos processos cognitivos diferenciados de cada um, nunca esquecendo do princípio fundamental da sua língua: a visão. Então o primeiro passo seria a exploração da percepção. (Skliar & Quadros, 2000).

Finck(2007) nos leva a revisar padrões já estabelecidos da educação musical, no caso dos surdos é o olho e não o ouvido na pretensão da fala, e são as mãos que articulam e não as cordas vocais. Muito é dito no processo de musicalização que o mais importante é ouvir, mas neste trabalho iremos mostrar que se pode ouvir com os olhos e com o corpo e não somente com o ouvido.

[...] expressar a própria musicalidade e sintonia com a música interna ou externa é uma possibilidade do homem. Aqui a audição tem um valioso papel. No entanto, enquanto função íntegra, não se pode afirmar que seja condição *sine qua non*<sup>2</sup> para que a manifestação da musicalidade possa ocorrer (HAGUIARA-CERVellini, 2003, p. 79).

Ainda nesse sentido, música e surdez não podem ser consideradas um paradoxo, para Finck(2007) ser musical não é um dom de pessoas privilegiadas e bem dotadas, mas sim a possibilidade do homem como um ser. Lellis(2000) sugere: “as experiências musicais são valiosas para a maturação emocional e o desenvolvimento de qualquer criança, especialmente para a criança especial cujas experiências são, algumas vezes, mais limitadas” (p. 28).

Segundo os dados da Organização Mundial da Saúde – OMS (2016), “Mais de 43 milhões de pessoas entre os 12 e os 35 anos já sofrem de surdez. problema que afeta 5% da população mundial e especificamente 32 milhões de crianças,”.

Os surdos não estão à parte das expressões culturais, afinal, são seres humanos e vivem da mesma forma que todos. Somos sensoriais, alguns com algum sentido mais aguçado que o outro. É notório que a linguagem do surdo é diferente do ouvinte, é uma língua visual/gestual, e por esse fato, seria mais fácil de classificar que o surdo solicita ainda mais o seu sentido da visão, não que ele vá enxergar melhor ou ter uma apurada visão, surdos também usam óculos. Dessa feita, pessoas surdas são muito mais atentas a qualquer tipo de gestos e movimentos ao seu redor. Com isso, uma sociedade mais participativa deve se reconhecer como obrigada a conviver com suas bases infraculturais mesmo que surdos possua sistemas próprios de convivência, ambas as comunidades, o global e o universo surdo, são necessários para a abertura dos novos conceitos amadurecidos da sociedade que queremos.

## **A música também vive na pele. Além do som, há a vibração.**

A apreciação de uma música para ouvintes é bem diferente de como o surdo a aprecia e compreende. Ouvintes tem o recurso da audição podendo experimentar alturas, timbres,

---

<sup>2</sup> *Sine qua non* é uma locução adjetiva do latim, faz referência a uma condição que é indispensável ou que é essencial.

duração, intensidade, ritmos, harmonia e melodia. Já os surdos tem a capacidade de sentir a vibração de uma forma diferente que um ouvinte sente. Pela vibração pode-se ter noção de ritmos, duração, altura e intensidade, levando em consideração que o som se propaga tão somente através de vibrações.

Questiona-se muito quando há o encontro de surdos e ouvintes para a tal apreciação, pois os ouvintes pensam que os surdos devem compreender da mesma forma que eles, e os surdos pensam que os ouvintes estão apenas buscando uma forma de reafirmar que ser ouvinte é o padrão.

De acordo com Sá(2008), é preciso entender que ser surdo vai muito além de não ouvir, é experimentar uma nova forma de ser e de sentir, se baseando em experiências visuais que ultrapassam o entendimento de que é apenas a experiência de uma falta do aspecto comunicativo.

Surdo é o sujeito que apreende o mundo por meio de experiências visuais e tem o direito e a possibilidade de apropriar-se da língua brasileira de sinais e da língua portuguesa, de modo a propiciar seu pleno desenvolvimento e garantir o trânsito em diferentes contextos sociais e culturais. A identificação dos surdos situa-se culturalmente dentro das expectativas visuais (QUADROS, 2003, p.15).

Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2000) O número de surdos no Brasil era de 166.400, sendo 80 mil mulheres e 86.400 homens. Além disso, cerca de 900 mil pessoas declararam ter grande dificuldade permanente de ouvir. A importância dessa leitura quantitativa sugere compor uma imagem social desse fragmento em nosso país. O campo para este estudo foi capaz de nos ordenar as mesmas proporções dentro de nossa região.

De acordo com Silva(2007), o surdo reage a musica através do toque captando vibrações por todo o seu corpo por meio da pele e dos ossos. Alunos surdos devem ter o mesmo acesso a atividades musicais que os ouvintes, e, mas que isso, que não seja imposto como obrigação, e sim de forma gentil e de livre escolha. Para tal atividade, os educadores musicais precisam estar

preparados para receber alunos surdos em suas classes, tendo em mãos recursos didáticos próprios, elementos que favoreçam a adaptação dos conteúdos.

“Ser musical não é privilégio de seres especiais e bem dotados, mas possibilidades do homem como ser” (FINCK, 2007, p.06).

A escola como uma instituição fundamental na construção da cidadania deveria, necessariamente, servir de modelo social e criar culturas que celebrem a diversidade, sejam inclusivas e sem preconceitos e/ou discriminação. Portanto, nada mais apropriado, para a reversão da representação de que surdo não pode fazer e/ou participar de atividades musicais, do que oferecer estas atividades na escola. (FINCK, 2007, p.7).

Em colaboração a essa temática, o Ministério da Educação (MEC) orienta que deve-se alcançar três objetivos básicos na educação infantil: construção da identidade e da autonomia; interação e socialização da criança no meio social, familiar e escolar; ampliação progressiva dos conhecimentos de mundo. Se a educação infantil tem todo esse valor, para a criança com surdez é essencial. A estimulação nos primeiros anos de vida facilita o desenvolvimento psicomotor, socioafetivo, cognitivo e da linguagem, mesmo sendo uma linguagem fora do convencional.

O MEC orienta que a criança surda quando na faixa de três anos frequente creches e já conte com um professor de língua portuguesa e um professor/instrutor surdo, para que ela tenha contato diário com a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). A inclusão deverá ser feita desde a creche fazendo com que ela seja aceita por todos do ambiente escolar. Essa iniciativa deve ser cuidada e implementada também dentro dos objetivos previstos nos planos de iniciação musical de tais ambientes de ensino.

É comum o professor ouvinte ter muitas dúvidas de como agir, mas ele deve prestar o mesmo auxílio como aos demais ouvintes sendo ele um mediador da comunicação. O desenvolver da criança também será influenciado pelo que ela vive em casa, ela poderá ser agressiva ou introspectiva por conta de algum trauma familiar, e o professor tem esse papel fundamental de saber identificar, fazendo uma averiguação junto à família, a equipe de educação especial e profissionais da área da saúde.

A ação de se expressar corporalmente através, do teatro, música, dança e práticas visuais, indica que alunos surdos valorizem a sua língua, e os ouvintes vejam que podem também fazer parte disso sem fazer descaso. Uma movimentação nesse contexto requer a presença de profissionais surdos no programa, e o apoio e total interação dos professores ouvintes construindo uma nova cultura educacional.

A educação escolar para surdos se apresenta como um desafio. Segundo Lacerda(2000) pesquisas dentro e fora do Brasil apontam um índice satisfatório de surdos com dificuldades no ingresso do ensino superior se comparado com ouvintes, mesmo os dois casos tendo capacidades cognitivas iniciais semelhantes. A partir de 1990 propagou-se a defesa da política educacional da inclusão de indivíduos de necessidades educacionais especiais, propondo uma maior socialização e respeito, resultando num incentivo de inclusão de pessoas surdas em escolas regulares.

A linguagem é responsável pela regulação da atividade psíquica humana, pois é ela que permeia a estruturação dos processos cognitivos. Assim, é assumida como constitutiva do sujeito, pois possibilita interações fundamentais para a construção do conhecimento (VIGOTSKI, 2001, p. 10).

No sujeito surdo essa linguagem não apresenta características orais, e por esse fato crianças surdas podem trazer consequências emocionais, sociais e cognitivas, já que inevitavelmente terá contato com ouvintes, podendo gerar uma dúvida dentro dela questionando-se o porquê ela não fala. Góes(1996) afirma que por terem a defasagem auditiva, surdos enfrentam dificuldades para entrar em contato com a língua do grupo social onde convivem. Segundo Lacerda(2000) essas crianças não tem o desenvolvimento adequado e o conhecimento está aquém do esperado para a sua idade.

Nossos apontamentos até aqui nos conduzem a entender mais sobre os diferentes caminhos percorridos do som em nosso corpo. Ser surdo é uma condição fisiológica que promove certos impedimentos comunicativos, por outro lado, falamos de pessoas e dotadas de princípios cognitivos favoráveis a uma interação social. Ainda nessa linha, muito é visto de deficiente nas iniciativas da sociedade, pois melhores condições para a formação de

professores são urgentes e óbvias para a defesa dos ambientes de ensino, neste caso, a educação musical nas escolas.

## Considerações finais

A escola inclusiva deve-se tornar tão interessante que alunos surdos e ouvintes tenham o prazer de estar nela. Assim como a escola de surdos deve promover atividades sociais que incluam surdos e ouvintes beneficiando a todos. Sendo assim, é útil comentar que a relação entre música e surdez é antecipada pela necessidade de uma melhor integração escolar. Professor de música, alunos surdos e ouvintes passam a se identificar como agentes potenciais e contidos na sistemática da escola moderna que discutimos aqui.

Alunos surdos tem o direito de ter o mesmo acesso a educação musical que os ouvintes têm, se ele assim desejar, é necessário deixar bem claro ao aluno surdo que ele não está sendo obrigado, mas que tais atividades sejam feitas como forma de convite a conhecer uma nova forma de se expressar, e esclarecendo que a música vai muito além de ouvir. O professor de educação musical precisa estar pronto para receber este aluno em sua classe por razões já mencionadas neste trabalho.

Cabem às instituições de ensino ter um momento de reflexão sobre a educação inclusiva, principalmente as de formação, pois o educador recém-formado precisa estar apto para este tipo de desafio quando for confrontado em seu cotidiano escolar, já o Educador Musical precisa ter claro em sua mente que a música é para todos, e é muito mais importante saber senti-la em vez de tão somente ouvir. A execução perfeita de uma peça musical tem as suas claras dificuldades, porém, muito mais difícil que isso, é conseguir alcançar o expectador através dela, tocar uma música é diferente de fazer música. Que possamos “sair” do Ouvir e começar mais a Sentir.

Partindo disso, surge a proposta educacional do bilinguismo, tornando a língua de sinais própria dos surdos, fazendo com que essa seja a sua prioridade no aprendizado, e consequentemente a linguagem do grupo social onde ele esteja inserido se tornaria a sua

segunda língua. A criança surda irá adquirir a língua de sinais já que estará exposta a tal, e poderá desenvolver suas capacidades cognitivas e linguísticas de acordo com a sua capacidade.

## Referências

CÁRICOL, Kássia. A Música na Escola. São Paulo, Associados Comunicações, 2012. p. 19-20.

FINCK, REGINA, Surdez e Música: será este um paradoxo? .ABEM /ISME Rio Grande do Sul, UFRGS, 2007. p. 1-8.

GÓES, M.C.R. Linguagem, surdez e educação. Campinas: Autores Associados, 1996.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada. 4ª. Ed. Trad. Márcia Bandeira de M. L. Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1998.

HAGUIARA-CERVELLINI, Nadir. A musicalidade do surdo, representação e estigma. São Paulo: Plexus Editora, 2003.

LACERDA, Cristina B. F. de; GÓES, Mara Cecília R. Surdez: Processos Educativos e Subjetividade. São Paulo: Editora Lovise, 2000.

LELLIS, Cláudia Maria Carrara. A educação musical especial e a musicoterapia. In: ANAIS do IX Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical. Belém: ABEM. 2000. p. 10.

QUADROS, Ronice Muller de, O Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais e Língua Portuguesa. Brasília, 2003.

SÁ, Nídia Regina. Os Surdos, a Música e a Educação, Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2008. p. 2-10.

SKLIAR, Carlos; QUADROS, Ronice Muller de. Invertendo epistemologicamente o problema da inclusão: os ouvintes no mundo dos surdos. Estilos da Clínica, São Paulo, 2000.

VIGOTSKI, L.S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.